

# O Livro de Daniel - Número Quarenta e Três

## *Desvendando o simbolismo da abominação da desolação na profecia bíblica*

Jeff Pippenger  
2024-01-07

A identificação, por Paulo, de Roma pagã como o poder que impedia que o papado ascendesse ao poder no ano 538 tornou-se o testemunho que William Miller reconheceu, o qual estabelecia, no livro de Daniel, “o diário” como representando o paganismo. A estrutura de William Miller baseava-se nos dois poderes desoladores: o paganismo, seguido pelo papalismo. A descoberta mais importante de Miller em apoio a essa estrutura foi o testemunho de Paulo em 2 Tessalonicenses, capítulo dois, onde Paulo identifica que o impedimento sobre o papado, produzido por Roma pagã, seria removido, a fim de que o “homem do pecado” fosse colocado no templo de Deus, mostrando-se como Deus.

No livro de Daniel, o símbolo do "diário" representando o paganismo é sempre seguido por um símbolo do papado, quer seja representado como a transgressão da desolação ou a abominação da desolação. No entanto, na advertência de Cristo aos cristãos acerca do cerco e da destruição de Jerusalém que ocorreram durante os três anos e meio de 66 a 70 d.C., Cristo referiu-se à "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" como o sinal para que os cristãos que estavam em Jerusalém fugissem imediatamente. A história mostra que o sinal não era o símbolo da Roma papal, mas da Roma pagã. O sinal devia ser reconhecido pelos fiéis, se quisessem evitar o cerco e a destruição. A "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" é um símbolo da Roma pagã ou da Roma papal?

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver no terraço não desça para tirar coisa alguma de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua roupa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Oraí, porém, para que a vossa fuga não seja no inverno, nem no sábado; porque então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. Mateus 24:15-22.

A irmã White comenta como esse aviso se cumpriu na história da destruição de Jerusalém entre 66 e 70 d.C., e ela identifica que a bandeira, ou o estandarte do exército romano, foi o sinal para que os cristãos que ainda estavam em Jerusalém fugissem. Então, a "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel", era a Roma pagã, ou era a Roma papal, sobre a qual Miller baseou sua estrutura?

William Miller foi levado a compreender ambas as manifestações de Roma (pagã seguida da papal), mas foi obrigado, pela história em que viveu, a tratar ambos os reinos como um só reino. E, claro, são um só reino, mas também representam dois reinos sucessivos. Forçado pela história

profética de 1798, Miller teve de abordar Roma principalmente como um único reino. Em 1798, Miller acreditava que a Segunda Vinda de Cristo estava aproximadamente vinte e cinco anos no futuro. Ele sabia muito bem que a Roma papal havia recebido uma ferida mortal em 1798. Para Miller, não havia outros reinos terrestres que sucederiam a Roma papal, pois Cristo estava prestes a voltar.

No contexto histórico em que Miller estava inserido, ele entendeu que a estátua do capítulo dois de Daniel representava quatro reinos terrenos, pois foi isso que Daniel testemunhou.

E o quarto reino será forte como o ferro; pois, assim como o ferro despedaça e subjuga todas as coisas, e, como o ferro que despedaça todas elas, assim ele as despedaçará e esmagará. E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, o reino será dividido; porém haverá nele algo da força do ferro, visto que viste o ferro misturado com barro lamacento. Daniel 2:40, 41.

Miller entendia que havia apenas quatro reinos, e o quarto e último reino era Roma, que ele sabia pela história ser a Roma pagã, seguida pela Roma papal. O quarto reino, para Miller, de acordo com a palavra de Daniel, era "dividido", mas para Miller a divisão apenas representava uma distinção entre os aspectos literal e espiritual do reino de Roma. Ele estava correto, mas sua compreensão era limitada.

Miller não viu que a divisão entre a Roma pagã e a papal se baseava na divisão que Paulo foi suscitado para identificar. Paulo (e João Batista) identificou que, no período da cruz, o literal deveria dar lugar ao espiritual. Sem esse entendimento, Miller foi forçado a aceitar que Roma era essencialmente um só reino que tinha duas fases. E, claro, ele estava correto (mas de forma limitada). Ele não pôde ver que a Roma espiritual era representada pela Babilônia literal, pois a Roma espiritual (o papado) é também a Babilônia espiritual.

A Babilônia literal, como o primeiro de quatro reinos em Daniel 2, tipificaria o quarto reino, pois o primeiro sempre tipifica o último. A Roma pagã fora tipificada pela Babilônia, mas tanto a Roma pagã quanto a Babilônia tipificavam a Roma espiritual (o papado). Assim, o papado era o quinto reino, e foi representado pela Babilônia. Esta é uma razão básica pela qual a Irmã White compara o cativeiro de Israel literal na Babilônia por setenta anos, com o cativeiro de Israel espiritual na Babilônia espiritual por mil duzentos e sessenta anos.

"A igreja de Deus na terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante esse longo período de perseguição implacável quanto estiveram os filhos de Israel cativos na Babilônia durante o período do exílio." Profetas e Reis, 714.

Miller, portanto, não tinha dificuldade em tratar como intercambiáveis os cumprimentos proféticos que identificavam mais especificamente a Roma pagã e a Roma papal. Apresentaremos exemplos disso adiante, mas, se entendermos que Miller via a Roma pagã e a Roma papal como um único reino, podemos compreender por que Miller não teria problema com Jesus referindo-se à "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" como um cumprimento referente à Roma pagã, ao mesmo tempo em que entendia a expressão "abominação da desolação", no livro de

Daniel, como símbolo da Roma papal. Miller não via os três poderes desoladores e, por essa razão, seu arcabouço profético era limitado, embora exato.

Mas como devemos entender a discrepância quanto ao cumprimento histórico de 66 d.C., quando a Roma pagã colocou seus estandartes nos recintos sagrados do templo, em cumprimento da predição de Cristo? A "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" é um símbolo da Roma pagã ou da Roma papal? A resposta para esse dilema é bastante simples quando se reconhecem três poderes desoladores, em vez de dois. Devemos começar com o comentário da Irmã White sobre o cumprimento da predição de Cristo acerca da destruição de Jerusalém.

A crucificação de Cristo pelos judeus resultou na destruição de Jerusalém. O sangue derramado no Calvário foi o peso que os afundou na ruína, tanto neste mundo quanto no mundo vindouro. Assim será no grande dia final, quando o juízo cair sobre os que rejeitam a graça de Deus. Cristo, sua pedra de tropeço, então lhes aparecerá como uma montanha vingadora. A glória de Seu semblante, que para os justos é vida, será para os ímpios fogo consumidor. Por causa do amor rejeitado, da graça desprezada, o pecador será destruído.

Por meio de muitas ilustrações e advertências repetidas, Jesus mostrou qual seria a consequência para os judeus de rejeitar o Filho de Deus. Com estas palavras Ele se dirigia a todos, em todas as épocas, que se recusam a recebê-Lo como seu Redentor. Cada advertência é para eles. O templo profanado, o filho desobediente, os lavradores falsos, os edificadores desdenhosos, têm seu correspondente na experiência de todo pecador. A menos que se arrependa, o destino que eles prefiguravam será seu. O Desejo dos Séculos, 600.

Ao identificar a transição do literal para o espiritual, Paulo assinala que ela ocorreu no período da cruz, e deve-se notar que a destruição de Jerusalém está diretamente associada à cruz. A destruição de Jerusalém literal, que foi primeiramente levada a cabo pela Babilônia literal, foi pela última vez realizada por Roma literal, pois Jesus sempre representa o fim com o princípio. O espezinamento do santuário e da hoste, que começou com o poder pagão da Babilônia, terminou com o poder pagão de Roma.

O pisoteamento espiritual da Jerusalém espiritual foi realizado pela Roma papal, e ambos esses períodos de pisoteamento (literal e espiritual) tipificam o pisoteamento do povo de Deus pelo terceiro poder desolador, que, no contexto de Roma, é chamado de Roma moderna.

Existem três poderes desoladores que perseguem o povo de Deus. O dragão do paganismo, seguido pela besta do mar do catolicismo, que por sua vez é seguida pela besta da terra dos Estados Unidos (o falso profeta). O paganismo foi representado por vários poderes pagãos que pisotearam o Israel literal. O papismo então pisoteou o Israel espiritual por mil duzentos e sessenta anos, de 538 a 1798. A tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta é a Roma moderna, e ela também pisoteia o povo de Deus durante a "hora" da crise da lei dominical. Os três poderes desoladores do dragão, da besta e do falso profeta também são representados como Roma pagã, Roma papal e Roma moderna.

Segundo Apocalipse 17, o paganismo corresponde aos quatro primeiros reis, o quinto rei é o papado e os reis sexto, sétimo e oitavo são a tríplice união da Roma moderna.

E há sete reis: cinco já caíram, um existe, e o outro ainda não veio; e, quando vier, deve continuar por pouco tempo. E a besta que era e já não é, ela mesma é o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição. Apocalipse 17:10, 11.

Em termos do capítulo dois de Daniel, o paganismo corresponde aos quatro reinos, desde a Babilônia literal até Roma literal. A Babilônia espiritual é o papado (a cabeça de ouro), e a tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta (Roma moderna) é representada pela tríplice união da Medo-Pérsia espiritual, da Grécia espiritual e da Roma espiritual (cuja ferida mortal está curada).

Quando Jesus se referiu à "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel", ele estava identificando um "sinal" específico que os cristãos devem reconhecer em cada uma das três Romas. A Roma pagã, a Roma papal e a Roma moderna perseguem o povo de Deus. Essa perseguição é representada profeticamente como calcar aos pés o santuário e a hoste. Jesus deu um aviso da aproximação dessa perseguição para cada um dos três períodos de perseguição. Quando o "sinal" da autoridade de Roma foi colocado dentro do santuário, chegara o momento de fugir de Jerusalém. Jesus não estava usando a expressão de Daniel "a abominação da desolação" como símbolo de um poder terreno, mas como símbolo do sinal que os cristãos precisavam reconhecer.

"Jesus declarou aos discípulos que O ouviam os juízos que haviam de cair sobre o Israel apóstata e, especialmente, a vingança retributiva que viria sobre eles por sua rejeição e crucifixão do Messias. Sinais inconfundíveis precederiam o terrível clímax. A hora temida viria de súbito e rapidamente. E o Salvador advertiu Seus seguidores: 'Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo (quem lê, entenda:), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes.' Mateus 24:15, 16; Lucas 21:20, 21. Quando os estandartes idólatras dos romanos fossem erguidos no solo sagrado, que se estendia alguns estádios além das muralhas da cidade, então os seguidores de Cristo deveriam encontrar segurança na fuga. Quando o sinal de advertência fosse visto, os que desejassem escapar não deveriam demorar-se. Por toda a terra da Judeia, bem como na própria Jerusalém, o sinal para a fuga deveria ser obedecido de imediato. Quem por acaso estivesse no terraço não deveria descer à casa, nem mesmo para salvar seus tesouros mais valiosos. Os que estivessem trabalhando nos campos ou nas vinhas não deveriam tomar tempo para voltar a buscar a veste exterior deixada de lado enquanto labutavam no calor do dia. Não deveriam hesitar um só momento, para não serem envolvidos na destruição geral." O Grande Conflito, 25.

Na passagem, a Irmã White identifica a "abominação da desolação" como um "sinal inequívoco", que foi representado pelos "estandartes idólatras dos romanos", que eles ergueram "no terreno sagrado" do santuário. Jesus não estava usando a "abominação da desolação" para representar nem o poder da Roma pagã nem o da Roma papal, mas como um "sinal". Quando o "sinal" foi colocado no terreno sagrado do templo, os cristãos deveriam fugir de Jerusalém "para não serem envolvidos na destruição geral". A Irmã White vai além, mais adiante na mesma passagem, e identifica que a profecia de Cristo que assinalava a destruição teve mais de um cumprimento.

A profecia do Salvador acerca da visitação de juízos sobre Jerusalém terá outro cumprimento, do qual aquela terrível desolação foi apenas uma pálida sombra. No destino da cidade

escolhida podemos contemplar a condenação de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e pisoteou a Sua lei. Sombrios são os registros da miséria humana que a Terra tem testemunhado ao longo de seus longos séculos de crime. O coração se enoja, e a mente desfalece na contemplação. Terríveis têm sido os resultados de rejeitar a autoridade do Céu. Mas um quadro ainda mais sombrio se apresenta nas revelações do futuro. Os registros do passado — a longa procissão de tumultos, conflitos e revoluções, a “batalha do guerreiro ... com ruído confuso, e vestes revolvidas em sangue” (Isaías 9:5) — que são estas coisas, em contraste com os terrores daquele dia em que o Espírito restritivo de Deus for totalmente retirado dos ímpios, deixando de refrear o irromper da paixão humana e da ira satânica! O mundo então contemplará, como nunca antes, os resultados do domínio de Satanás.

Mas naquele dia, como no tempo da destruição de Jerusalém, o povo de Deus será livrado, todo aquele que for achado escrito entre os vivos. Isaías 4:3. Cristo declarou que virá pela segunda vez para reunir para Si os Seus fiéis: “Então todas as tribos da terra se lamentarão, e verá o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma extremidade do céu à outra.” Mateus 24:30, 31. Então os que não obedecem ao evangelho serão consumidos pelo sopro da Sua boca e destruídos pelo esplendor da Sua vinda. 2 Tessalonicenses 2:8. Como o antigo Israel, os ímpios destroem a si mesmos; caem por sua iniquidade. Por uma vida de pecado, puseram-se de tal modo fora de harmonia com Deus, suas naturezas tornaram-se tão aviltadas pelo mal, que a manifestação de Sua glória lhes é um fogo consumidor.

Que os homens se acautelem, para que não venham a negligenciar a lição transmitida nas palavras de Cristo. Assim como Ele advertiu Seus discípulos da destruição de Jerusalém, dando-lhes um sinal da ruína iminente, para que pudessem escapar; assim também Ele tem advertido o mundo acerca do dia da destruição final e tem dado indícios de sua aproximação, para que todos os que quiserem possam fugir da ira vindoura. Jesus declara: 'Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e, sobre a terra, angústia das nações.' Lucas 21:25; Mateus 24:29; Marcos 13:24-26; Apocalipse 6:12-17. Os que contemplam esses prenúncios de Sua vinda devem 'saber que está próximo, às portas.' Mateus 24:33. 'Vigiai, portanto', são Suas palavras de admoestação. Marcos 13:35. Os que atentarem para o aviso não serão deixados em trevas, para que aquele dia não os apanhe de surpresa. Mas para os que não vigiarem, 'o dia do Senhor virá como ladrão de noite.' 1 Tessalonicenses 5:2-5. O Grande Conflito, 36, 37.

Quando a irmã White escreveu estas palavras, ainda haveria de cumprir-se no futuro a destruição de Jerusalém. O juízo retributivo que é executado contra a Roma moderna (o dragão, a besta e o falso profeta), no fim do mundo, representa a queda final da Babilônia espiritual, mas a Babilônia espiritual (o papado) já caiu uma vez em 1798. A destruição de Jerusalém representa o juízo retributivo de Deus sobre uma igreja apóstata.

A destruição de Jerusalém nos três anos e meio de 66 d.C. a 70 d.C. tipifica a destruição imposta pelo juízo retributivo de Deus no fim do mundo, trazida sobre Roma moderna (o dragão, a besta e o falso profeta). O cerco e a destruição de Jerusalém, que foram efetuados pelo paganismo de 66 d.C. até 70 d.C., duraram exatamente três anos e meio.

O cerco e a destruição de Jerusalém espiritual, levados a cabo pelo papalismo, duraram três anos e meio proféticos, de 538 até 1798. Essas duas ilustrações tipificam o cerco e a destruição de Jerusalém na "hora" da crise da lei dominical que é provocada pela Roma moderna. A última das três destruições de Jerusalém é invertida, conforme representado no livro de Daniel.

O livro de Daniel começa com Babilônia conquistando e destruindo Jerusalém e termina com a destruição de Babilônia e a vitória de Jerusalém. Em cada uma das três batalhas, houve um sinal dado aos cristãos que os informou de que deveriam fugir da guerra iminente. Em 66 d.C., foi quando os exércitos da Roma pagã colocaram seus estandartes (suas bandeiras de batalha) no solo sagrado do santuário. No ano 538, foi quando o “homem do pecado” foi revelado, sentado no templo de Deus (a igreja cristã), mostrando-se como se fosse Deus, ao promulgar uma lei dominical no Concílio de Orleães naquele ano. A imposição do domingo é o que o papado identifica como prova de sua autoridade sobre o mundo cristão, pois argumentam (corretamente) que não há base na Palavra de Deus para o culto dominical, e o fato de terem instituído o domingo como dia de culto no cristianismo é prova de que a autoridade de suas tradições e costumes pagãos está acima da Bíblia.

No ano 538, os cristãos deviam separar-se da Igreja Romana, não simplesmente porque ela não era verdadeiramente uma igreja cristã, mas também porque o sinal da autoridade papal havia sido colocado no recinto sagrado da igreja de Deus. A Irmã White identifica o processo de separação daquela história que deu início ao período em que a igreja de Deus fugiu para o deserto por mil duzentos e sessenta anos.

Mas não há união entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas, e não pode haver união entre os seus seguidores. Quando os cristãos consentiram em unir-se aos que estavam apenas meio convertidos do paganismo, entraram num caminho que os conduzia cada vez mais longe da verdade. Satanás exultou por ter conseguido enganar um número tão grande de seguidores de Cristo. Então ele exerceu seu poder de forma ainda mais plena sobre estes e os inspirou a perseguir os que permaneceram fiéis a Deus. Ninguém compreendia tão bem como se opor à verdadeira fé cristã quanto aqueles que outrora haviam sido seus defensores; e esses cristãos apóstatas, unindo-se a seus companheiros semipagãos, dirigiram sua guerra contra os aspectos mais essenciais das doutrinas de Cristo.

Foi necessária uma luta desesperada para que os que quisessem ser fiéis permanecessem firmes contra os enganos e as abominações que, disfarçados em vestes sacerdotais, foram introduzidos na igreja. A Bíblia não era aceita como a regra de fé. A doutrina da liberdade religiosa era tida como heresia, e seus defensores eram odiados e proscritos.

"Após um longo e severo conflito, os poucos fiéis decidiram romper toda união com a igreja apóstata se ela ainda se recusasse a libertar-se da falsidade e da idolatria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se quisessem obedecer à Palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais às suas próprias almas, nem dar um exemplo que poria em perigo a fé de seus filhos e dos filhos de seus filhos. Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão compatível com a fidelidade a Deus; mas sentiam que até a paz seria cara demais se comprada ao preço do sacrifício de princípios. Se a unidade só pudesse ser

assegurada à custa da verdade e da justiça, então que haja dissensão, e até guerra." O Grande Conflito, 45.

Continuaremos estes pensamentos no próximo artigo.

A eternidade se estende diante de nós. A cortina está prestes a ser levantada. Nós, que ocupamos esta posição solene e responsável, o que estamos fazendo, em que estamos pensando, a ponto de nos apegarmos ao nosso egoísta amor ao conforto, enquanto almas perecem ao nosso redor? Nossos corações se tornaram completamente endurecidos? Não podemos sentir ou compreender que temos uma obra a realizar para a salvação de outros? Irmãos, sois da classe que, tendo olhos, não vê, e, tendo ouvidos, não ouve? É em vão que Deus vos concedeu um conhecimento de Sua vontade? É em vão que Ele tem enviado a vós advertência após advertência? Credes nas declarações da verdade eterna acerca do que está prestes a vir sobre a terra, credes que os juízos de Deus estão pairando sobre o povo, e ainda podeis ficar à vontade, indolentes, descuidados, amantes dos prazeres?

“Não é tempo, agora, de o povo de Deus fixar seus afetos ou ajuntar seus tesouros no mundo. Não está longe o tempo em que, como os primeiros discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desolados e solitários. Assim como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos foi o sinal para a fuga dos cristãos da Judeia, assim a assunção de poder por parte de nossa nação, no decreto que impõe o sábado papal, será um aviso para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, em preparação para deixar as menores, por lares retirados em lugares isolados entre as montanhas. E agora, em vez de buscarmos aqui moradias caras, deveríamos estar nos preparando para nos mudar para um país melhor, o celestial. Em vez de gastarmos nossos recursos em autossatisfação, deveríamos estudar como economizar. Todo talento emprestado por Deus deve ser usado para Sua glória ao dar a advertência ao mundo. Deus tem uma obra para Seus colaboradores realizarem nas cidades. Nossas missões devem ser sustentadas; novas missões devem ser abertas. Levar avante essa obra com êxito exigirá não pequeno dispêndio. São necessárias casas de culto, onde as pessoas possam ser convidadas a ouvir as verdades para este tempo. Para esse mesmo propósito, Deus confiou um capital a Seus mordomos. Não deixem que sua propriedade fique presa a empreendimentos mundanos, de modo que esta obra seja prejudicada. Disponham seus recursos de modo que possam administrá-los em benefício da causa de Deus. Enviem seus tesouros adiante, para o céu.”  
Testemunhos, volume 5, 464.